

Releitura do Ceará segundo Abelardo Montenegro

MARCELO GURGEL CARLOS DA SILVA*

1 Intróito

Em 10/06/2011, recebemos um *e-mail* do intelectual Gildácio J. Almeida Sá, marido da professora da UECE, Lúcia Barreto, e, via de consequência, genro do Prof. Abelardo Montenegro, cientificando-nos de que chegara às suas mãos mais uma obra republicada do sogro, intitulada “FANÁTICOS E CANGACEIROS”, oriunda de convênio com a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará – Secult, por merecedora do Prêmio Otacílio de Azevedo, no bojo dos editais de incentivo aos autores cearenses, uma louvável iniciativa do Prof. Auto Filho, ex-titular dessa pasta da Cultura.

A notificação, em epígrafe, fazia-se acompanhada do prestigioso convite para que proferíssemos palestra sobre o Prof. Abelardo e sobre essa obra, em particular, quando do seu lançamento. De imediato, movidos mais pela emoção do que pela razão, anunciamos o acolhimento da tarefa, sem ter em consideração o peso desse fardo, indo além de nossa limitada competência, diante do vulto dessa solicitação.

Como não costumamos recuar perante desafios previamente aceitos, pusemos em marcha um colossal esforço, para corresponder, a contento, o que nos foi requerido, cuja responsabilidade foi sobremodo alargada, ao se definir que o *locus* de exposição seria o Instituto do

* Da Academia Cearense de Medicina.

Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Isso significava dizer que parte da assistência seria enobrecida por sócios do Instituto do Ceará, secular casa da cultura da terra alencarina.

2 Abelardo, em verbete

Há vários *sites* ou *home pages* que revelam uma síntese biográfica do intelectual. Delas, uma das mais completas é a do Portal da História do Ceará (www.ceara.pro.br/abelardo). Foi a partir desse portal, que se elegeu a que foi disposta nas orelhas “Fanáticos e Cangaceiros”, e que muito bem qualifica os elementos de capital importância da vida desse tão ilustre filho do Ceará.

“Abelardo Fernando Montenegro nasceu a 30/05/1912, em Crateús, Ceará. Advogado e Doutor em Ciências Econômicas, e Professor Emérito da UFC. Faleceu em 26/04/2010.

Recebeu várias Comendas e Condecorações, entre elas: Medalha Santos Dumont, do Ministério da Aeronáutica, Medalha Comemorativa de Clóvis Beviláqua, do Ministério da Educação e Cultura, Prêmio José de Barcelos, da Universidade Federal do Ceará, por seu livro *Pontos de Economia Internacional* – pioneiro no Brasil, Prêmio Bibliografia do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, Prêmio CLIO de História Política, da Academia Paulista de História, por seu livro *Os Partidos Políticos do Ceará*. Comenda Cruz e Sousa – Da Secretaria de Cultura e da Universidade Federal de Santa Catarina – por seu livro *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista Brasileiro*. Título de Emérito da UFC.

Abelardo escreveu mais de 40 obras, várias delas pioneiras na temática abordada. Em 14 delas, voltou-se Abelardo exclusivamente para o Ceará, seus expoentes e seu povo, destacando-se: *O Romance Cearense*; *Antônio Conselheiro*; *História do Cangaceirismo no Ceará*; *A Praça do Ferreira*; *História do Fanatismo Religioso do Ceará*; *Fanáticos e Cangaceiros*; *Os Partidos Políticos do Ceará*; *Psicologia do Povo Cearense*; *Interpretação do Ceará*; *Ceará e o Profeta de Chuva* e seu último livro *Cearense e Judeu*. Possui inéditos vários manuscritos, entre eles: *Novo Liberalismo*, *Nova Liberdade*.

Foi membro efetivo ou correspondente de instituições culturais, entre elas: Instituto do Ceará, Academia Cearense de Letras, Associação Cearense de Imprensa, Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana, Academia Paulista de Letras e do Instituto Cultural do Vale Caririense.”

3 O homem, em breves palavras

A História do Ceará passa, exemplarmente, pelas mãos de Abelardo Fernando Montenegro. Sem nenhum favor, a mídia tem-lhe feito justiça, como aconteceu com o jornal *O Povo* que usou o caderno Vida e Arte para falar da trajetória terrena desse filho ilustre de Crateús, autor de quase 50 livros, a grande maioria dedicada ao Ceará. Falecido quando faltavam apenas dois anos para o seu centenário, o reconhecido mestre e escritor deixou uma obra de larga embocadura, com trânsito livre por áreas como a Ciência Política, a Economia, a Sociologia e a Psicologia Social.

Não foi, pois, só na cátedra, que Abelardo Fernando Montenegro se fez grande. Em que pese haver sido alçado à condição de Professor Emérito da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará, ele também ocupava a cadeira nº 10, da Academia Cearense de Letras (ACL) e era membro do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). No dizer do próprio, frequentava pouco as duas casas, para não perder tempo. O primo e acadêmico, como ele, Pedro Paulo Montenegro, afirma que Abelardo Fernando Montenegro foi “um homem que aproveitou o tempo de intelectual, terrivelmente”.

A literatura e a cultura do povo sertanejo foram dois dos temas que mais abordou em suas obras. Isso é patente em “O Romance Cearense” (1953), “Antônio Conselheiro” (1954), “História do Cangaceirismo” (1955) e “História do Fanatismo Religioso no Ceará” (1959). O historiador de largos méritos, que também incursionou em outras áreas, deixando pegadas de originalidade por onde passou, nunca se contentou com a mesmice. Ao escrever sobre: “O Ceará e o Profeta da Chuva”, quis ele preencher uma lacuna nos escritos de historiadores, sociólogos e ficcionistas. É ainda Pedro Paulo Montenegro que explicita a razão do longo trabalho solitário de estudos do primo e

“colega” de Academia: A esperança de Abelardo Montenegro era que os leitores dessa sua última obra impressa, absorvessem a sua devoção de profundo amor ao Ceará.

Esse livro foi dedicado à sua professora, no curso primário, em Aquiraz, mãe de Pedro Paulo Montenegro, o primo e parceiro com quem mantinha demoradas conversas sobre o Ceará e a literatura cearense, sendo interessante registrar que os bares da cidade jamais seriam cenários dessas conversas, face ao “horror que tinha à bebida”, até por atrapalhar o pensamento. Abelardo Fernando Montenegro era caseiro por natureza e pelas circunstâncias. Não queria perder tempo. Lia, lia muito, lia de madrugada, lia toda hora, como revelou Pedro Paulo.

O caderno Vida e Arte, atrás mencionado, ao juntar textos de intelectuais e professores universitários, tratando da cultura cearense, homenageou a figura exponencial de Abelardo Montenegro, com participações do Mestre em literatura Wesley Ribeiro, um analista da prolífica safra de escritores cearenses, com visão focada na memória regionalista do século passado, e do jornalista Gilmar de Carvalho, um investigador competente das origens, dos estereótipos e dos traços fundamentais da cultura do Ceará.

Quando se trata de Abelardo Fernando Montenegro, sobram informações, para produzir uma matéria de fôlego, como a que o jornal *O Povo* publicou no seu caderno Vida e Arte. A título de ilustração, vale ser dito que só na década de 50, do século que passou, sua produção alcançou mais de uma dezena de livros publicados. Era um livro, atrás do outro. Dessa sua faina, incansável e prolífera, que ia se estender pela metade do século, ficaram os registros de lançamento dos livros: “Soriano Albuquerque, um pioneiro da Sociologia no Brasil” e “Presidencialismo, Parlamentarismo e Patriarcalismo”, ambos em 1952; “O Romance Cearense”; “Ceará, tentativas de interpretação”; “Antônio Conselheiro”; e “Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil”, esses quatro publicados entre 1953 e 1954, tendo o último, inclusive, obtido grande repercussão, com a crítica em seu favor.

Abelardo Montenegro ultrapassou as fronteiras nacionais. Em 1955, o antropólogo francês Roger Bastide encaminhou-lhe carta, publicada no jornal *O Povo*, enaltecendo sua obra “História do Cangaceirismo

no Ceará”. Um dado interessante, relacionado à produção intelectual de Abelardo é que a publicação de suas obras, via de regra, era custeada pelo próprio bolso. Foi isso que aconteceu com “Variações em torno da Democracia”, “Maquiavel e o Estado”, “Juarez Távora e a Renovação Nacional”, na área da Ciência Política; “A Missão do Economista no Brasil”; e a “Praça do Ferreira”, “Nordeste e Sul – Um Confronto”, seguindo de “História do Fanatismo Religioso no Ceará”, abordando aspectos da realidade local.

A atração de Abelardo Fernando Montenegro pelo tema religioso veio da época em que, muito jovem ainda, visitou Juazeiro do Norte, hospedando-se na casa do Padre Cícero, tendo ali presenciado muitas conversas do Meu Padim Cícero Romão Batista e, inclusive, assistido a benção que ele dava aos romeiros.

Foi a saudade, no entanto, que aguçou o amor maior de Abelardo Fernando Montenegro pelo Ceará. No início dos anos 1940, a sua mudança para o eixo Sul–Sudeste (Curitiba/Rio de Janeiro) fê-lo cada vez mais próximo da sua terra, apesar da distância geográfica. Isso se comprova na declaração que deu a um repórter do jornal *O Povo*: “nunca consegui esquecer o Ceará e chorava todas as vezes que chegava e partia, até que em 1949, voltei de vez. Amo cada pedaço desta terra. Sobre ela e seu povo dediquei 14 livros”.

Abelardo Fernando Montenegro tinha a alma plantada no sertão. Isso é o que se infere da leitura de sua obra “O Ceará e o Profeta da Chuva”, tratando da intimidade do sertanejo com a natureza, no momento em que faz previsões climáticas, a partir do voo baixo das andorinhas, do canto do anum preto e da rolinha tecendo o ninho pelo chão. Esse relacionamento mágico se exacerba em sua fala, ao dizer que “o profeta da chuva está para a sociedade sertaneja, como o feitiçeiro está para a sociedade primitiva. O primeiro profetiza a chuva; o segundo deve fazer chover”. A chuva e a seca, tanto quanto outras alternâncias da vida, estiveram permanentemente debaixo das suas lentes. Convivendo com esses fenômenos, em diversas regiões do Ceará, como Crateús, onde nasceu, e Senador Pompeu onde viveu, na juventude, na condição de filho do Juiz de Direito da Comarca, não foi difícil para Abelardo Fernando Montenegro armazenar o farto material que iria prover de veracidade a grande obra literária que produziu, ornado com o brilho da sua inteligência.

No Ceará, quicá no Brasil, nenhuma biblioteca pode se dizer completa, se nela deixarem de figurar livros escritos por Abelardo Fernando Montenegro. Como destaques, vão citados dez dos quase 50, de sua autoria, publicados a partir de meados do século XX e alcançando a primeira década do século XXI. São eles: O Romance Cearense; Ceará – tentativas de interpretação; Antônio Conselheiro; Cruz e Souza e o Movimento Simbolista no Brasil; História do Cangaceirismo no Ceará; Variações em Torno da Democracia; A Ciência Política no Brasil e Outros Estudos; História dos Partidos Políticos Cearenses; Fanáticos e Cangaceiros; Psicologia do Povo Cearense. Essa coleção foi inserida em matéria jornalística do Diário do Nordeste, que traça, inclusive, um perfil de Abelardo Fernando Montenegro, tal como aqui se desenha, utilizando o seu pincel e as suas cores.

Abelardo Fernando Montenegro se dizia um polígrafo, para definir o seu perfil intelectual, assemelhando-se aos autores do passado, tidos como pensadores e atuando em diversas áreas. A interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade eram marcas suas, cristalizadas na forma como transitava, livremente, pela economia, pelas ciências políticas, pela sociologia regional e pela psicologia social. Seu forte mesmo, no entanto, estava centrado no terreno sociológico, donde se entender a sua exaustiva busca de interpretar o Ceará e a sua gente, em especial a sociedade sertaneja.

Outra vertente que concorreu para a grandeza de Abelardo Fernando Montenegro está na sua fervorosa dedicação aos temas religiosos, uma projeção remanescente do seu contato, quando novo, com o Padre Cícero e com a beata Mocinha. Foi daí que nasceu a vocação do homem de letras, interessado na religiosidade de um povo que tinha, nos sermões e nos milagres, o ópio de que precisava para enfrentar as durezas de um sertão castigado pela seca e inflamado pela presença dos cangaceiros.

Obras como “História do Fanatismo Religioso no Ceará”, “Fanáticos e Cangaceiros” e “História do Cangaceirismo no Ceará”, só fazem alçar aos patamares mais elevados da literatura cearense o nome de Abelardo Fernando Montenegro, um gigante na interpretação da História, da Sociologia e da Psicologia do povo desta terra, feita de mártires e de heróis. A Academia Cearense de Letras tornou-se maior com a sua presença, e não por acaso, a Cadeira nº 10 guarda a imortalidade de um Mestre na arte de escrever.

4 Anatomia de uma obra

Muito antes de Abelardo Fernando Montenegro, Euclides da Cunha já havia dito que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”. O autor da obra “Fanáticos e Cangaceiros” está incluso nessa concepção de homem que trabalha a terra, não no sentido estrito da palavra, “plantando para que tudo nela dê”, mas lavrando o chão da escrita, onde a criatividade do lavrador se mistura com a pertinência do pesquisador, no processo de criação. Essa fortaleza explica o vigor da obra que está sendo dissecada, revelando, em suas entranhas, alterações produzidas no organismo social, pelo cangaço e pelo misticismo.

Tal como se faz em qualquer procedimento do gênero, o todo é analisado a partir das partes. No caso de “Fanáticos e Cangaceiros”, que reúne três dos seus livros, não é diferente, tanto assim que a obra vem segmentada da seguinte forma: Parte I, referente a Antônio Conselheiro, cobrindo três momentos, como órfão, como penitente e como conselheiro; Parte II, direcionado para a História do Fanatismo Religioso no Ceará, e admitindo como personagens dessa história, o Padre Ibiapina, o Padre Cícero, o Frei Deodato, o Beato José Lourenço, o Mestre Silvino, o Padre Davino e o fanático Manuel Pedro da Silva. A Parte III, pautando a História do Cangaceirismo no Ceará, está dividida em Período Monárquico, indo de 1868 a 1879, e Período Republicano, esticado de 1901 a 1970.

Nessa sua obra “Fanáticos e Cangaceiros”, como bem afirmou seu organizador, Gildácio Almeida Sá, Abelardo Fernando Montenegro “retira um pouco das nuvens de poeira” que cobriam o sertão, no tempo do fanatismo religioso e do cangaceirismo indomável, para, dentro de uma visão sistemática, lastreada na farta pesquisa bibliográfica e com o auxílio de entrevistas raras, coletadas na década de 1940, compor um painel, denunciando a injustiça social, com os agravantes da ignorância, da pobreza e da impunidade.

A visão sociológica de Abelardo Fernando Montenegro está claramente definida nessa obra, em que se fundem pesquisador e literato, para dar uma dimensão ampliada do que foi o sertão cearense, no tempo dos fanáticos e dos cangaceiros. Na apreciação que se faz desse livro, salta às vistas o uso da linguagem do escritor, não por acaso um crítico da sociedade e um analista do comportamento psicológico dos atores

principais e dos figurantes do enredo dramático que envolve os políticos, líderes religiosos, justiceiros sem causa e até coiteiros, pondo a nu, o despreparo mental do sertanejo.

Ao longo do tempo, tem-se consolidado esta máxima: “só escreve quem pensa, só pensa quem lê”. Abelardo Montenegro é uma prova concreta de que a leitura faz o pensador, tanto quanto é o pensamento que conduz à escrita. Daí navegar ele, permanentemente, no mundo das ideias, registrando, em cada canto, fatos ocorrentes no mundo dos mortais. Quem sabe venha daí, a sua imortalidade.

Mas não é bem sobre isso que se intenta falar agora, e sim sobre a veia intelectual de Abelardo Montenegro, testada em sua prestigiada obra “Fanáticos e Cangaceiros”. O livro é um todo de primor em linguagem, fruto, certamente, da sua formação acadêmica, em Direito, e da sua atuação, como jornalista. Entram no mérito da questão, as atividades que desenvolveu como professor e crítico social. O memorável polígrafo é, na verdade, uma figura exemplar da literatura cearense, senhor de um linguajar que passeia entre o erudito e o coloquial, sendo de se destacar aqui o uso de palavras que não fazem parte do cotidiano, sequer constam de modernos dicionários abalizados, mas que existem e, mesmo que não existissem, teriam seu uso justificado, pela inventividade do escritor.

A título de lastreamento do que se afirma, tem-se a comentar que Abelardo não era um Guimarães Rosa, na criação de neologismos, mas era, de verdade, alguém com uma capacidade incrível de manejar o vernáculo, juntando o clássico ao popular, em um mais que prazeroso exercício da escrita. Palavras como: *lobrigar* (ver ao longe/entrevir), *exprobar* (criticar), *pingues* (gordos), *estalão* (padrão), *profligar* (abater/destruir), *estumado* (estimulado/incitado), *correame* (conjunto de correias), *acoroçoamento* (encorajamento), *comborça* (amante/concubina), *escarmentado* (castigado/desiludido), *apropinquava* (aproximava), *arruído* (ruído/barulho), *vesânia* (loucura), *acicatar* (excitar/incentivar), *súcubos* (indivíduos sem força de vontade, dominados pelos incubos), *incubos* (diabos que copulam à noite mulheres), *farrancho* (ranchada/romaria), *favonear* (avorecer/proteger), *abroquelar* (resguardar/proteger com o escudo), *papalvos* (simplórios/patetas), *palinódia* (poema que deduz outro), *preconício* (reclamo/propaganda), *esquipático* (esquisito/extravagante), *conculcar* (desprezar/aviltar), *tropelia* (tumulto

a tropel), *guante* (luva de ferro/mão de ferro), *salsugem* (lodo com substâncias salinas) e tantas outras não comumente faladas no dia a dia e que até são de difícil entendimento, transitam livremente pelas 424 páginas dessa obra, de mãos dadas com as canções dos beatos, com a lamentação das almas e também com os versos dos jagunços e dos sertanejos violeiros. As “Rosas de Malherbe” (... *E a Rosa viveu o que vivem as rosas, o espaço de uma manhã* - François Malherbe), citadas às páginas 176, de “Fanáticos e Cangaceiros”, com certeza, jamais poderiam se aplicar à produção literária de Abelardo Montenegro, cuja duração deverá seguir *ad seculum saeculorum*.

Sob a óptica da sociologia em que se distinguiu, como poucos, e após deixar exposta a carne da miséria humana, Abelardo Fernando Montenegro recua no tempo para indagar se o Governo teria pensado em eliminar o messianismo que inundava a terra de Canudos. Para ele, não era só a paisagem física, que deveria ser modificada, mas também a paisagem social. No seu entender, as massas do sertão ansiavam por uma nova ordem social, por uma estrutura econômica compatível com as suas aspirações melhoristas. Do contrário, outros Canudos e Conselheiros poderiam surgir do solo social em erupção. São elucubrações como essas, constantes da página 117, da obra sob análise, que distanciam Abelardo Fernando Montenegro de outros estudiosos da História do fanatismo e do cangaceirismo do Ceará.

Outras afirmações do autor merecem ser aqui citadas, como a encontrada na página 144, em que, textualmente, é dito o seguinte: “O fanatismo está ligado ao desejo de melhoria de condições de vida do fanático, que vê, no caudilho, a força capaz de operar a tal modificação. O fanatismo é, assim, estratégia das populações famintas e ignorantes.”

Tem-se a considerar que Abelardo Fernando Montenegro superou-se na difícil tentativa para acordar os governos e a própria sociedade civil, quanto à imperiosa necessidade de reverter o quadro de penúria extrema da consciência da massa. E não deixou por menos. No seu livro “Fanáticos e Cangaceiros”, ele acabou cunhando a visão do homem inquieto, diante das injustiças sociais, não sem fazer desaguar o caudal de conhecimentos que fazia dele um intelectual de vanguarda, dos melhores, por sinal, na análise sociológica e de cunho religioso de uma época marcada pela seca, pela pobreza, pela ignorância, pelo poder instituído e pela impunidade.

Das páginas 270, 272 e 274, foram retirados os seguintes excertos, confirmando tudo o que se disse até aqui.

“A miséria econômica em que vegetam as massas camponesas facilita o domínio do coronel. Aliás, a situação dos pobres no Ceará sempre se caracterizou pela mais completa escravidão econômica: “escravidão ao meio físico que lhe nega compensação adequada ao esforço do seu labor e escravidão aos governos que lhe recusam higiene, trabalhos públicos, liberdade, justiça e instrução.” (p.270).

“O partido dominante jamais permitiu aos Governadores saídos de sua grei que se eliminasse o banditismo político. É que para a conquista do poder, todos os meios são lícitos.” (p.272).

“O banditismo constitui inegável rêmora à marcha do progresso. A pecuária, a agricultura, o comércio e a indústria não podem existir mais nas áreas cobertas pelos grupos de cangaceiros.” (p.274).

Às páginas 404 da obra analisada, Abelardo Montenegro revela o seguinte: “só raramente chegam à capital, notícias procedentes de região norte do Estado, acerca de ataques de cangaceiros”. É quando referencia Júlio Matos Ibiapina, como apreciador desse fato, em que “opinava que o cangaceirismo, que em outros pontos do território cearense podia considerar-se endêmico, no Norte nunca assumiu esse aspecto. Somente quando os chefes de governo perdiam a força moral para punir nos outros os crimes de que eles próprios eram os principais fatores, é que irrompia a epidemia do banditismo político.”

Mais adiante, na página 411, é ele, Abelardo Fernando Montenegro, que complementa: “Os Governos da *pátria velha* não haviam dado à hinterlândia nem estradas, nem trabalho agrícola, nem justiça independente, nem polícia suficiente, nem administrações profícuas. Os governos da *pátria nova* teriam que dar tudo o que faltava sob pena de malograr a campanha contra o banditismo”, arguindo, logo depois, que “em 1932 sofria o Ceará os efeitos dolorosos da seca. O povo sertanejo enchia os campos de concentração organizados pelo Governo numa tentativa de salvá-lo”.

Uma passagem interessante, nessa obra, é a que vem inscrita na página 416, onde se dá o confronto entre os retirantes famintos, de antes

e de depois. Sem qualquer dúvida, Abelardo Fernando Montenegro quis valorizar o pensamento de Nagibe de Melo Jorge, autor da confrontação, talvez por se sentir afinado com a sua linha de raciocínio. De tão congruente, a comparação feita entre sujeitos iguais, vivenciando situações diferentes, merece reprodução, tal como foi delineada pelo primeiro e acatada pelo segundo.

“No coração do caboclo de hoje vai correndo este bem do passado, sob sol impiedoso que mata o algodão e resseca o milho, para ir nascendo, aquecido por um calor estranho, outro sentimento diverso, de ódio, de desespero, de violência. O faminto de ontem era diferente do flagelado de hoje. Enquanto aquele caminhava cabisbaixo pelas estradas poeirentas, no isolamento das famílias, tendo na bagagem a imagem de um santo, este outro, dos dias que correm, avança resoluto, reunindo-se em grupos, para os centros e para os armazéns, com uma bandeira de protestos e de reclamações. O outro se exalava conformado; este demonstra insatisfação. Aquele sussurrava; este grita. O homem do passado estendia a mão mirrada suplicando um pedaço de pão para matar a fome e ainda dividia com as crianças e os velhos. O de hoje exige o necessário para encher a barriga, ameaça e realiza. São duas épocas que se distanciaram. Antigamente, muitas vezes, os famintos esperavam fora as sobras das mesas dos ricos; hoje penetram, invadem e não querem sobras. Antes, havia sentimento, as almas se comunicavam, os corações se conheciam. Quem tinha alguma coisa estendia a mão para proteger o irmão desgraçado, havia caridade. Agora só há rudeza, só aparece o físico, a realidade, o espírito desapareceu. Quem tem não dá mais, guarda para si próprio, sem se incomodar muito com a sorte dos outros. No século passado, quando, o Imperador disse que preferia vender a última pedra de sua coroa a ver um cearense morrer de fome, houve sentimento nas suas palavras e o povo as recebeu como a dádiva de um benfeitor que quer dividir o que é seu com os irmãos necessitados, num ato de solidariedade humana. No presente, quando o Governo concorda em mandar auxílio, o faz para sobreviver e o povo recebe como se isto fosse o cumprimento retardado de uma obrigação, como uma parcela do que é seu. Que o senhor retinha indevidamente”.

O desenho aqui reproduzido encontra ressonância ao final da obra, em que seu organizador Gildácio Sá alude à história do cangacei-

rismo no Ceará, pondo ênfase no derramamento de sangue que perdurou por mais algumas décadas, “a mando dos chefetes políticos de plantão, que proliferam no sertão, em razão inversa à consciência política do povo que os acolhe e os elege”. Complementando sua fala, referenda o nome de Abelardo Fernando Montenegro, como o sociólogo infenso às injustiças sociais, que usa da sua pena genial, para cumprir o seu papel de crítico das massas violentadas nas suas bases sociais.

5 *In fines*

A tríade histórica, literária e sociológica representada pelos livros escritos por Abelardo Fernando Montenegro, em meados da década de 50, do século passado: Antônio Conselheiro (1954), História do Cangaceirismo no Ceará (1954) e História do Fanatismo Religioso no Ceará (1959), resultou na conjunção de ideias, de pensamentos, e de convicções, com total limpeza da poeira que cobre as mentes acostumadas ao niilismo dos fatos sociais, para dar vez ao surgimento da obra: “Fanáticos e Cangaceiros”, que vem de ser reeditada, sob os auspícios da Secult, e que nos foi dada, como presente, para que fizéssemos sua reapresentação neste augusto templo de saber, onde a alma se põe de joelhos para reverenciar, quem aqui está e quem por aqui passou, como o imortal das letras Abelardo Fernando Montenegro, cultor das manifestações intelectuais e sócio exponencial deste Instituto do Ceará.

A essência do livro “Fanáticos e Cangaceiros” encontra-se, pois, na figura dos “abandonados do sertão”, seguidores de Conselheiro e, como ele, “vagando à procura de luz”.

De igual modo, se acosta ao despreparo mental do sertanejo, revelado em História do Fanatismo Religioso no Ceará, expondo em relevo o papel dos místicos na manipulação psicológica dos deserdados da sorte.

A trilogia se encerra com a História do Cangaceirismo no Ceará, que serviu de lastro à concepção da obra “Fanáticos e Cangaceiros”, em que se dá a exploração, nua e crua, das razões do cangaço, centradas na seca, na pobreza e na ignorância, tendo como viés a impunidade alicerçada no poder instituído e no vínculo com uma política viciada e destrutiva, socialmente falando.

Esta apreciação termina, com a invocação do autor da obra, o magistral Abelardo Fernando Montenegro, para tornar cada vez mais visível o seu incomparável poder de síntese. “O cangaceiro não podia deixar de ser um fruto da injustiça social. Era o protesto violento contra a ordem social sertaneja”, impiedosamente instituída.

Fontes consultadas:

Abelardo F. Montenegro: síntese biográfica. Disponível em: <www.ceara.pro.br/abelardo>.

<http://www.ceara.pro.br/Instituto-site/membros/AbelardoMontenegro.html>>.

Acesso em: 10 jul. 2011.

Estado é o grande tema do autor. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=540977>>.

Acesso em: 10 jul. 2011.

O polígrafo prolífico. Disponível em: <<http://opovo.uol.com.br/opovo/vidaarte/981689.html>>.

Acesso em: 30 jun. 2011.

Para ler o Ceará. Disponível em: <<http://www.opovo.com.br/www/opovo/vidaarte/981688.html>>.

Acesso em: 30 jun. 2011.

SÁ, Gildácio Almeida (Org.). MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e cangaceiros*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. 424p.

(Palestra proferida no Instituto do Ceará, em 20 de julho de 2011, em homenagem póstuma ao sócio Abelardo Fernando Montenegro, falecido em 26 de abril de 2010).

